

OS ESTADOS UNIDOS E A INFLUÊNCIA ESTRANGEIRA NA ECONOMIA BRASILEIRA: UM PERÍODO DE TRANSIÇÃO (1904-1928) (I) (*).

VICTOR VALLA

Do Instituto de Tecnologia de Aeronáutica de São José dos Campos (SP).

INTRODUÇÃO.

A área conhecida, hoje, como República Federativa do Brasil, tem sido, por mais de 400 anos, objeto de vários tipos de influência estrangeira. Inicialmente colonizada pelos portugueses e ainda no período colonial parcialmente dominada pelos holandeses, franceses, e espanhóis, por curtos períodos de tempo, e depois economicamente controlada pelos ingleses até o início do século XX, o Brasil de hoje, se encontra, neste ponto de sua história, vinculado à influência econômica da nação mais rica do mundo, os Estados Unidos, com quem mantém estreitas relações.

Este estudo não é uma tentativa de analisar as atuais relações econômicas entre os Estados Unidos e o Brasil, mas, é um esforço para determinar quando e de que maneira a economia americana começou a exercer influência determinante no Brasil.

O período tratado abrange os anos de 1904 a 1928, uma época que foi testemunha de uma influência enfraquecida, mas ainda importante, da Grã-Bretanha, que entrou em concorrência com a expansão rápida da economia americana na América Latina.

O fulcro deste estudo é a Primeira Guerra Mundial, acontecimento que foi o fator mais importante na modificação das influências estrangeiras no Brasil. Na tentativa de analisar a transição da economia brasileira, como resultado da I Grande Guerra, foi feito um estu-

(*). — Com este número a *Revista de História* inicia a publicação da tese de mestrado de Victor Valla, apresentada ao Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo em 1969. (*Nota da Redação*).

do das relações econômicas entre o Brasil e os quatro países industrializados que controlaram a economia mundial durante o primeiro quartel do século XX.

Esta análise das relações econômicas do Brasil com a Grã-Bretanha, Alemanha, França e os Estados Unidos, tende a se centralizar no comércio exterior entre estas nações e o Brasil. Outros aspectos, como empréstimos e investimentos estrangeiros, são tratados com o objetivo de completar o estudo do comércio exterior.

Uma das possíveis contribuições dêste estudo é a de apresentar, num volume só, uma série de dados selecionados que dizem respeito a um assunto que tem sido estudado por muitos autores, mas, quase sempre, em áreas parciais. À luz dêstes fatos, é nossa esperança que estas páginas possam servir como matéria de referência para estudantes da história contemporânea brasileira.

A função do estudo da história é a penetração no passado com o objetivo de melhor entender o presente.

Esperamos que êste objetivo tenha sido alcançado nestas páginas e que as relações entre o Brasil e os Estados Unidos tenham sido um pouco mais definidas através de uma análise das relações iniciais dêstes dois países no quarto inicial do presente século.

CAPÍTULO I.

ANTECEDENTES HISTÓRICOS, 1810-1910: UMA INTRODUÇÃO.

a). — *Capitalismo industrial até 1860.*

O período de cinquenta anos, de 1810 a 1860, foi de maior importância na primeira revolução industrial. As causas desta mudança profunda na sociedade moderna foram, basicamente, a revolução comercial dos séculos XV e XVI, e o enfraquecimento das raízes do feudalismo na Europa ocidental.

Um dos resultados principais da revolução comercial foi o descobrimento do Novo Mundo e a acumulação conseqüente dos metais preciosos, principalmente na Espanha. O êxodo em massa dos servos para os burgos nascentes, foi um dos sintomas do enfraquecimento das raízes do feudalismo. A combinação destes dois fatores contribuiu para o início do capitalismo industrial.

Uma das primeiras nações a apresentar condições maduras para o capitalismo industrial, foi a Grã-Bretanha.

E' importante salientar que a necessidade de produção industrial interna, como meio de construir uma nação poderosa, foi um dos impulsos principais que estimulou a revolução industrial na Grã-Bretanha. A filosofia econômica de produção máxima, com o objetivo de exportar o máximo possível, resultou no desenvolvimento das invenções básicas, como a máquina a vapor, a indústria siderúrgica, as ferrovias e a implantação conseqüente destas invenções na Grã-Bretanha.

Duas nações não tinham, ainda, entrado na fase do capitalismo industrial, neste período: Portugal e Espanha. Durante os séculos XV e XVI esses países, embora com suas estruturas agrícolas, principalmente, possuíam poderosas marinhas mercantes. Devido à sua localização geográfica, Portugal e Espanha eram os pioneiros nos descobrimentos do Novo Mundo e, rapidamente, tornaram-se as metrópoles para quase todas as colônias da América Central e da América do Sul.

As colônias portuguesas e espanholas, comercialmente ricas, permitiam que as suas metrópoles acumulassem grandes quantidades de

“capital comercial”: Portugal, através da produção de açúcar do Brasil e a Espanha, quase exclusivamente pela mineração de metais preciosos. Devido à estrutura essencialmente agrícola destas metrópoles da Península Ibérica, os lucros das suas colônias na América Latina não podiam ser investidos numa produção industrial interna. Esta situação singular de Portugal e Espanha resultava nos processos de reinvestir os lucros no comércio colonial, de aumentar o poderio militar da metrópole e de favorecer a vida de luxo nas côrtes. Mercadores portugueses decidiram, muitas vèzes, até depositar seus lucros em bancos holandeses.

Nações como a Grã-Bretanha, França e Holanda, sofrendo uma rápida transição do feudalismo para o capitalismo, e já dentro de uma estrutura que permitia uma produção industrial interna relativamente desenvolvida, começavam a exportar muitos de seus produtos para Portugal e Espanha. Tendo em vista que as duas nações da Península Ibérica tiveram que pagar por êstes produtos com metais preciosos ou gêneros tropicais, ambas, rapidamente, se tornaram dependentes, econômicamente, dos países mais adiantados no setor industrial, principalmente da Grã-Bretanha.

Dependência econômica significa dependência política e no meio do século XVIII a influência inglêsa já era substancial nas colônias da América Central e América do Sul. A bem sucedida revolução americana de 1776 ajudou a intensificar os interesses dos inglêses nas colônias de Portugal e Espanha, uma vez que a política externa dos Estados Unidos foi de prudência para com o comércio inglêz, pelo menos durante as primeiras décadas depois da revolução.

b). — *Capitalismo industrial depois de 1860.*

A Grã-Bretanha, devido a condições favoráveis criadas durante o século XVIII, conseguiu uma ascendência admirável na economia mundial. França e Estados Unidos, devido às mudanças políticas em suas áreas respectivas, durante a última parte do mesmo século, conseguiram um certo desenvolvimento industrial, embora êste desenvolvimento tivesse permanecido em nível secundário por algum tempo.

A Alemanha, o quarto país considerado neste estudo, conseguiu um crescimento espetacular somente depois de 1870, ano da Guerra Franco-Prussiana. Esta conflagração serviu como uma das principais motivações na unificação dos estados individuais, processo que viria permitir a industrialização rápida do nôvo império alemão.

Progresso gera progresso e a primeira revolução industrial foi responsável pela segunda. Sinais concretos desta segunda revolução começaram a aparecer na segunda metade do século XIX (c. 1860).

Historiadores têm salientado as seguintes características como básicas do processo: a invenção do processo Bessemer na siderurgia, o aperfeiçoamento do dínamo e o pleno uso do motor de combustão interna. Aço, eletricidade, petróleo, maquinaria automática e ligas metálicas foram alguns dos resultados particulares desta segunda revolução.

Naturalmente, a Grã-Bretanha permanecia na posição de líder econômico e político na cena internacional e os ingleses adotaram esta segunda revolução industrial com facilidade, devido ao seu grau de industrialização, já então alto, para os padrões da época.

Países como a França, Estados Unidos e Alemanha, mais ricos em recursos naturais e maiores em extensão territorial do que a Grã-Bretanha, apresentaram-se como fortes rivais para a liderança industrial no mundo. Os Estados Unidos e a Alemanha foram capazes de superar a Grã-Bretanha na produção de aço e no número de milhas de ferrovias nacionais, no fim do século XIX.

Dois características mais importantes do capitalismo industrial são a necessidade da expansão no comércio e o aumento resultante dos lucros. O capitalismo industrial foi responsável pela união do capital com a manufatura. Quando um certo nível de industrialização era alcançado dentro de um dado país, êle começaria, então, a buscar mercados no exterior, onde os produtos manufaturados poderiam ser trocados por matérias-primas.

A independência política conseguida pelos países da América do Sul, durante a primeira metade do século XIX, ajudou muito a causa do capitalismo industrial. Países desenvolvidos nesse particular, como a Grã-Bretanha, necessitando de expansão de mercados e lucros, participavam da implantação dos meios de transporte e comunicação na América do Sul, manobra que iria contribuir, para que o comércio com êsses países, fôsse feito de maneira mais eficiente.

c). — *Síntese da história econômica do Brasil, de 1810 a 1910.*

Portugal, mãe-pátria do Brasil colônia, tornou-se dependente economicamente da Grã-Bretanha durante o século XVII. Embora, existisse, nesta época, monopólio comercial entre Portugal e o Brasil, a realidade mostrava que a Grã-Bretanha era quem determinava o destino do comércio brasileiro. As revoluções, primeira e segunda, resultaram no grande aumento da produção industrial da Grã-Bretanha, fato que motivava a busca, pelos ingleses, de mercados estrangeiros, onde seus produtos pudessem ser vendidos.

Na relação "Grã-Bretanha-Portugal-Brasil", Portugal serviria como intermediário, aproveitando o seu monopólio comercial a fim de mandar produtos ingleses ao Brasil, enquanto matérias-primas brasi-

leiras eram, principalmente, destinadas a Portugal, antes de entrar na Grã-Bretanha, como pagamento dos bens manufaturados.

A primeira oportunidade dada à Grã-Bretanha para estabelecer comércio livre com o Brasil, surgiu com o bloqueio determinado por Napoleão, em 1807, visando impedir o comércio europeu com a Grã-Bretanha. Com o comércio luso-brasileiro ameaçado pelo bloqueio, o Regente português fugiu para o Brasil, ocorrendo como uma das conseqüências dessa fuga, a abertura dos portos brasileiros ao mundo.

Por sua vez, a Grã-Bretanha havia perdido seu monopólio em várias colônias norte-americanas e o bloqueio, embora não fôsse completamente efetivo, ofereceu alguns obstáculos ao comércio inglês na Europa. Destarte, a solução lógica foi a Grã-Bretanha intensificar suas atenções econômicas na direção da América do Sul.

Dois anos depois da chegada do regente português, Brasil e Grã-Bretanha assinaram um tratado comercial, dando aos ingleses, o direito de exportar seus bens manufaturados, pagando uma tarifa de apenas quinze por cento *ad valorem*.

Despesas militares antes de 1822 e a vida luxuosa da côrte portuguesa no Brasil, forçaram Portugal a contrair várias dívidas com a Grã-Bretanha. O padrão de vida dos nobres lusitanos no Brasil resultava num *deficit* na balança comercial da colônia. Com a Declaração da Independência em 1822, o Brasil assumiu a responsabilidade do pagamento das dívidas portuguesas. Como resultado desta situação, o novo governo brasileiro seria obrigado a contrair novas dívidas, logo depois.

Por muitos anos, a única fonte de receita do governo brasileiro foram as baixas tarifas nas importações. Devido à esta única fonte de receita e à necessidade de capital para o desenvolvimento da nova nação, o governo brasileiro obrigou-se a procurar novos empréstimos na Grã-Bretanha. Esta acumulação de empréstimos e suas constantes taxas de juros, chegaram a tal ponto, que nos meados do século XIX, quase quarenta por cento do orçamento do governo brasileiro estava sendo gasto com os juros dos empréstimos ingleses (1).

Com o monopólio português sendo liquidado, em 1810, a Grã-Bretanha, rapidamente, aumentou sua influência na economia brasileira. Além do fato de que o Brasil dependia dos empréstimos ingleses, como fonte maior de seu capital necessário, uma grande porção dos produtos manufaturados importados, também vinha do mesmo país.

(1). — Prado (Caio Júnior), *História Econômica do Brasil*, Editora Brasileira, São Paulo, 1956, (9a. edição), p. 142.

O fato do Brasil exportar um número limitado de gêneros tropicais resultava numa situação de dependência econômica para com as nações compradoras. Tal situação seria particularmente evidente, com o advento da monocultura cafeeira.

A produção de café, começando na primeira metade do século XIX, cresceu rapidamente e, na segunda metade do mesmo século, quase setenta por cento da exportação brasileira figurava na forma de café, a maior parte destinada aos Estados Unidos.

As muitas inovações conseqüentes da segunda revolução industrial, eventualmente chegaram ao Brasil e foram implantadas, muitas vezes, com o auxílio do capital estrangeiro, particularmente o inglês. A construção ou melhoramento de estradas, as primeiras ferrovias no Brasil, linhas telegráficas e a ampliação de portos foram fatores que modificaram o aspecto das partes mais desenvolvidas do Brasil e, simultaneamente, ajudava os ingleses a firmar seu controle sobre a produção e a exportação dos gêneros tropicais.

A última década do século XIX serviu como testemunha de sérios problemas financeiros no Brasil. Com o advento da República, em 1889, não somente o governo central procurava empréstimos no estrangeiro, mas também os Estados, individualmente. A dívida externa do Brasil alcançou noventa milhões de libras em 1910 (2).

O novo governo brasileiro, obrigado a emitir papel-moeda, encorajava, indiretamente, a especulação e um eventual desastre financeiro e a conseqüente desvalorização da moeda brasileira. Um empréstimo inglês resolveu o problema imediato do governo brasileiro, mas foi responsável por um controle ainda mais forte da Grã-Bretanha na economia brasileira.

Durante os anos que imediatamente precederam a Primeira Guerra Mundial, a economia brasileira continuava extremamente instável e sujeita ao controle estrangeiro, resultado do fato de que o Brasil continuava a exportar alguns poucos produtos em grande escala. Dêstes, o café, o mais importante, começou a sofrer a concorrência de outros países produtores.

d). — *O Brasil dentro do contexto das relações entre a América Latina e os Estados Unidos.*

As relações entre os Estados Unidos e a América Latina, durante a primeira metade do século XIX, eram, em geral, fracas, embora tivesse sido declarada a Doutrina de Monroe, em 1823. Até o início do século já mencionado, os Estados Unidos andavam extremamente

(2). — *Ibidem*, p. 217.

preocupados com a necessidade de se firmar como uma nação econômica e politicamente independente.

Embora os Estados Unidos estivessem, naturalmente, interessados nos movimentos de independência das colônias portuguesas e espanholas, ofereceram pouco estímulo a tais colônias, com medo de criar problemas políticos com a Espanha. Uma possível aquisição da Flórida era um alvo da jovem nação americana, motivo por que seria pouco prudente um atrito com a nação espanhola.

A Doutrina de Monroe era raramente contestada durante a primeira metade do século XIX, fato que ocorreu devido a algumas situações independentes do pensamento de Washington: a rivalidade das nações européias entre si, os interesses ingleses na América do Sul e a própria distância geográfica da Europa.

Os dois contactos importantes dos americanos com a América Latina, durante a primeira metade do século XIX, ocorreram em consequência da Independência do Texas, em 1836, e da Guerra entre os Estados Unidos e México, em 1845.

A guerra civil americana criou, nos Estados Unidos, condições para uma industrialização rápida. Depois de 1865 a economia americana cresceu rapidamente e, dentro das regras de capitalismo liberal, foi motivada pela necessidade de expansão: novos mercados para os produtos manufaturados americanos, que poderiam ser trocados por matérias-primas preciosas.

A vitória dos Estados Unidos sobre a Espanha, em 1898, resultou na tomada das seguintes áreas de influência espanhola: Cuba, Porto Rico, Ilhas Filipinas e Ilha de Guam. A necessidade de proteger os interesses econômicos, recentemente conseguidos no Extremo Oriente e o interesse de manter uma influência crescente na América Central, resultaram na formação da República do Panamá e no início da construção do Canal de Panamá, em 1903.

* *
*

As relações entre os Estados Unidos e o Brasil foram oficialmente estabelecidas, várias vezes, durante a primeira metade do século XIX, embora o governo brasileiro orientasse seus interesses mais em torno da Grã-Bretanha. O reconhecimento da independência brasileira pelos Estados Unidos, em 1824 e o Tratado da Amizade, Comércio e Navegação, de 1828, constituíram-se em acontecimentos que viriam criar os primeiros contactos diplomáticos entre as duas nações. Devido ao influente controle inglês dos interesses econômicos do Brasil, e devido à distância geográfica entre essa nação e os Estados

Unidos, as autoridades brasileiras não encontraram motivação para emitir declarações a respeito da Doutrina de Monroe ou de acontecimentos como a Guerra entre o México e os Estados Unidos.

O governo brasileiro, oficialmente, declarou que as relações com o governo americano eram importantes, uma vez que o Brasil era a única nação latino-americana cujas origens não eram espanholas (3).

Somente na segunda metade do século XIX as relações começaram a se desenvolver mais intensamente, com mais da metade do café brasileiro entrando nos portos americanos, depois de 1865. Uma consequência deste comércio foi que o governo americano passou a cogitar da possibilidade de exportar mais seus produtos manufaturados para o Brasil. Entretanto, a pressão da Grã-Bretanha e o medo do governo brasileiro de ficar, mais uma vez, dependente de uma nação mais rica, agiram como obstáculos contra um aumento de importações dos Estados Unidos.

O governo dos Estados Unidos constantemente alegava que, uma vez que seu país era o maior importador do café brasileiro, esse país deveria agir reciprocamente, facilitando a entrada dos produtos americanos.

Com a exceção do comércio do café, as relações econômicas entre o Brasil e os Estados Unidos se desenvolveram lentamente durante o século XIX. Relações diplomáticas foram rompidas duas vezes, o Caso Wise (1846-1847) e o Caso Webb (1869).

A proclamação da República brasileira, em 1889, começou a indicar mudanças nas relações dos dois países e, em 1891, o Brasil e os Estados Unidos assinaram um tratado comercial, que reduzia as tarifas nos produtos americanos.

Em 1894 o Presidente Floriano Peixoto foi auxiliado pela intervenção militar dos Estados Unidos, acontecimento que ajudou a acelerar o estreitamento dos laços entre os dois países.

Durante a permanência do Barão do Rio Branco, como Ministro de Relações Exteriores (1902-1912), uma aliança mais sólida foi firmada entre o Brasil e os Estados Unidos. A rivalidade do Brasil com a Argentina agiu como um dos motivos para a aproximação entre os governos brasileiro e americano (4). À luz destes fatos, uma certa deseuropeização da política exterior brasileira começou a se revelar durante a primeira metade do século XX, tornando-se evidente durante a Primeira Guerra Mundial.

(3). — Rodrigues (José Honório), *Interesse Nacional e Política Externa*, Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1966, p. 26.

(4). — *Ibidem*, p. 102-3.

CAPÍTULO II.

O PERÍODO ANTERIOR À GUERRA (1904-1914).

A tradicional dominação econômica da Grã-Bretanha, começava a sofrer forte concorrência durante os primeiros anos do século XX.

A industrialização de dois outros países europeus, França e Alemanha, e dos Estados Unidos, foi um dos resultados principais da segunda revolução industrial. A expansão industrial da Alemanha, principalmente, foi além de suas fronteiras e a América Latina surgiu logo como um dos seus objetivos importantes. A necessidade de matérias-primas e também de mercados para os produtos manufaturados, encorajava os países recentemente industrializados, a competir com a Grã-Bretanha numa área onde a influência inglesa havia dominado por muitos anos.

Embora os Estados Unidos já estivessem estabelecendo sua influência nas áreas do Caribe e da América Central, a Grã-Bretanha ainda era a principal exportadora para a América Latina no início do século.

"By the first decade of the present century... continental nations began to compete actively for the South American markets, and Great Britain saw her preeminence seriously challenged by the banks, shipping lines and export houses of Germany. After the Spanish-American War the United States emerged as a world power, and began to reach out beyond Mexico and the Caribbean for the trade of more distant republics" (1).

(1). — Normano (J. F.), *The Struggle for South America*, Houghton Mifflin Company, Boston and New York, 1931, p. 10. Uma edição em português foi publicada em 1944: *A Luta pela América do Sul*, Editôra Atlas, S. A., São Paulo.

Tabela Nº 1.

Comércio com as repúblicas sul-americanas (2) — (Unidade: US\$ 1.000.000).

	1910	1911	1912	1913
Grã-Bretanha				
Exportações para a América do Sul	244	262	273	286
Importações da América do Sul	238	237	269	282
Estados Unidos				
Exportações para a América do Sul	111	130	153	168
Importações da América do Sul	192	195	243	204
Alemanha				
Exportações para a América do Sul	142	166	179	189
Importações da América do Sul	125	139	157	162
França				
Exportações para a América do Sul	70	77	84	90
Importações da América do Sul	93	98	104	105

Tabela Nº 2.

Comércio total estrangeiro e comércio sul-americano dos países principais em 1913 (3) — (Unidade: US\$ 1.000.000).

	Valor do Comércio Estrangeiro	Valor do Comércio c/América do Sul	Porcentagem do Total
Estados Unidos	4.279	364	8,5
Grã-Bretanha	6.830	542	7,9
Alemanha	4.970	336	6,7
França	2.953	197	6,8

A Alemanha, resultado da unificação recente de vários estados individuais, teve, em trinta anos, um crescimento tão grande, que, no

(2). — Fonte: *Bulletin of the Pan-American Union*, resumo anual do comércio, apud Normano, *ibidem.*, p. 22.

(3). — Fontes para as cifras dos Estados Unidos: Department of Commerce, Bureau of Foreign and Domestic Commerce, *Foreign Commerce and Navigation of the United States*, 1913, Washington, D. C., Government Printing Office, p. 11; fontes para os outros três países; *World Almanac*, 1930; *Bulletin of the Pan-American Union*, March, 1930, p. 256-9; apud Normano, *ibidem*, p. 33, extraído da Tabela 10.

início do século XX, o seu comércio com a América do Sul estava ameaçando superar o dos Estados Unidos (4).

As Tabelas N.ºs 1 e 2 apresentam dados que mostram que, até um ano antes da Primeira Guerra Mundial, a Alemanha, além de exportar mais produtos para a América do Sul do que os Estados Unidos, também, tinha um comércio total maior.

Deve ser salientado, quando são analisadas as duas tabelas, que as exportações inglesas eram bem maiores do que as de qualquer dos outros países em questão. A percentagem total dos Estados Unidos era maior devido às volumosas exportações da América do Sul para aquele país. Embora a influência da Grã-Bretanha fôsse diminuir com o tempo, as cifras para o período de 1910-1913 indicam que a Grã-Bretanha dominava o comércio sul-americano nos primeiros anos do século XX.

A rápida e crescente participação da Alemanha no comércio sul-americano iria ter uma vida curta, pois que a Primeira Guerra Mundial determinaria o fim da maior parte do comércio alemão com o exterior.

* *
*

(4). — A tabela abaixo demonstra que o comércio americano com toda a América Latina superou o da Grã-Bretanha, resultado da influência americana nas áreas do Caribe e da América Central.

Comércio Latino-Americano com países principais.

Importações.

Ano	da Grã-Bretanha	da França	da Alemanha	dos Estados
1910	26,0	8,4	15,6	23,5
1911	25,7	8,3	16,7	23,8
1912	24,8	8,3	16,7	24,5
1913	24,4	8,3	16,6	25,0

Exportações.

1910	20,9	8,4	11,1	34,5
1911	21,0	9,2	12,9	34,3
1912	19,8	7,9	11,9	34,4
1913	21,2	8,0	12,4	30,8

Derivado das estatísticas dadas no *Latin American Foreign Trade, A General Survey*, Foreign Trade Series, No. 193, The Pan-American Union, Washington, D. C., 1942, p. 4.

Antes da Primeira Guerra Mundial, a posição do Brasil em relação aos quatro países já mencionados, foi, em linhas gerais, a da maior parte das nações sul-americanas. A Grã-Bretanha tinha dominado a economia brasileira por mais de 100 anos e a dependência brasileira do crédito e das manufaturas inglesas iria continuar até a segunda década do século atual.

"During all the period the empire and much of the republican era, the only foreign loans made by Brazil were made in London, 'the credit reservoir of the world' as one Brazilian called it. Their size and frequency are impressive evidence of Brazil's dependence on Great Britain" (5).

Apesar do fato de que os empréstimos ingleses datavam do ano de 1824, para os fins deste estudo são apresentados somente aqueles que foram feitos a partir da época do início da República.

Tabela Nº 3.
Empréstimos ingleses ao Brasil desde 1889 (6).

Ano	£	Ano	£
1889	19.837.000	1908	4.000.000
1893	3.710.000	1910	11.000.000
1895	7.442.000	1911	4.500.000
1898	8.613.000	1911/12	2.400.000
1901	16.619.000	1913	11.000.000
1903	8.500.000	1914	14.502.000
1906	1.100.000		

Sabe-se que a influência inglesa continuaria como dominante por mais algum tempo, depois da Primeira Guerra Mundial, mas já eram dignos de atenção os grandes progressos feitos no Brasil, pelos Estados Unidos e Alemanha, durante a primeira década do século XX.

(5). — Graham (Richard), *Britain and the Onset of Modernization in Brazil, 1850-1914*, Cambridge at the University Press, Cambridge, 1968, p. 100.

(6). — Ministério da Fazenda, Secretário do Conselho Técnico de Economia e Finanças, Finanças do Brasil, *Divida Externa, 1824-1945*, Volume XIX, Valentim F. Bouças, Secretário Técnico, Rio de Janeiro, 1955. "Eight new loans were issued in London (£ 59, 119, 320) until the war. The French market also opened its gates for Brazilian bonds and five loans (about 300.000 francs) were floated there prior to the World War". Normano, J. F., *Brazil, a Study of Economic Types*, Chapel Hill, The University of North Carolina Press, 1935, p. 157. Uma edição em português foi publicada em 1945; *Evolução Econômica do Brasil*, Companhia Editôra Nacional, São Paulo.

“A Britisher in Rio Grande do Sul reported that German import houses were everywhere taking the place of his compatriots, while Americans were purchasing old British trading firms in Rio de Janeiro... while Britain still accounted for 28 per cent of Brazil's imports (1902), its rivals were gaining rapidly with German goods representing 12.2 per cent and American over 11.5 per cent. France now trailed at 8.8 per cent” (7).

As dificuldades encontradas pelos plantadores de café no Brasil, no início do século atual, ofereceram um bom ponto de estudo na análise dos interesses estrangeiros neste país. Os fazendeiros de café, desejando controlar a superprodução do mercado mundial, pediram auxílio a bancos e companhias estrangeiras.

“The decline of British banking hegemony is illustrated by the loan raised in 1906 by the state of São Paulo to finance a price support program for coffee. The German coffee export firm of Theodor Wille & Co., one of E. Johnston & Co.'s main competitors, was chiefly responsible for bringing in German banks who took the lead in the venture. The First National City Bank of New York and some French banks also joined in the scheme although eventually the British private banking firm of Schroeder & Co. came to dominate the lending consortium. The caution of the Rothschilds in this matter contrasts with their nineteenth century liberality (8).

Tabela Nº 4.

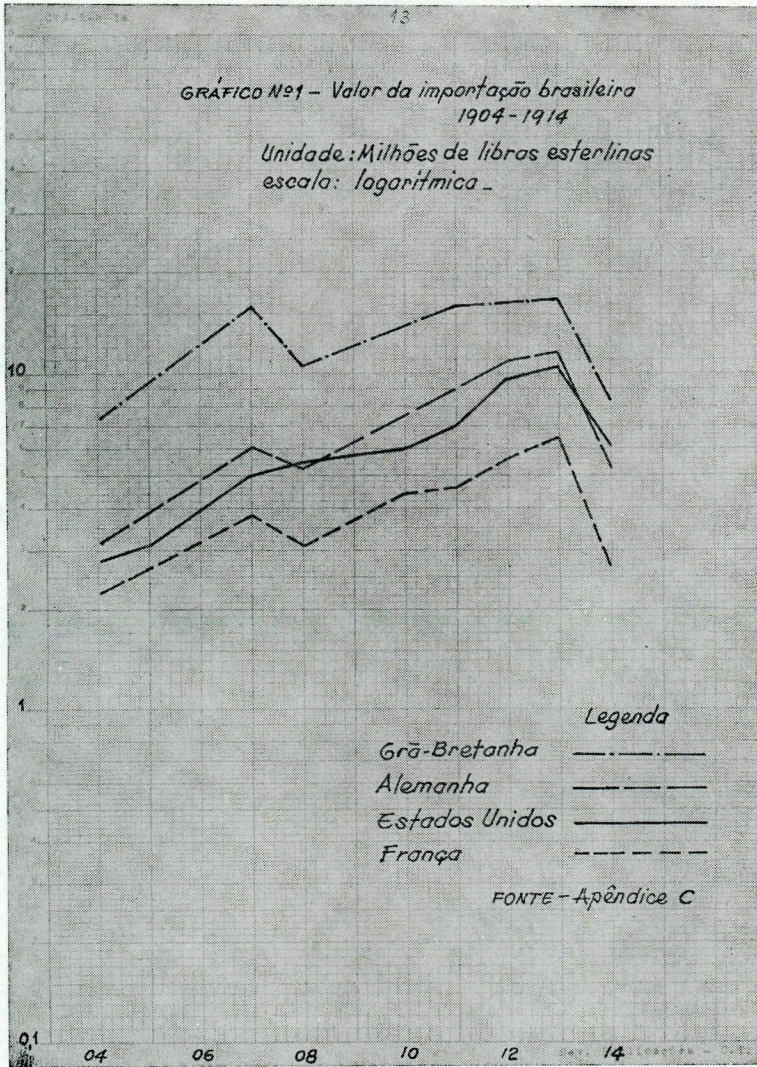
Companhias estrangeiras autorizadas a operar no Brasil, 1891-1914 (9).

	1891-1905	1904-1914
Grã-Bretanha	80	139
Estados Unidos	11	84
Alemanha	21	41
França	25	50
Total	137	314

(7). — Graham, *op. cit.*, p. 301.

(8). — *Ibidem*, p. 302.

(9). — Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, *Sociedades Mercantis Autorizadas a funcionar no Brasil, 1808-1946*. Publicação do Departamento Nacional de Indústria e Comércio, Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1947. Durante os anos de 1904 a 1914 o número de companhias estrangeiras autorizadas a funcionar no Brasil superou o das companhias brasileiras instaladas durante aqueles anos, o número de companhias nacionais era de 224.



A Tabela N.º 4 mostra que, embora a Grã-Bretanha liderasse os outros países no número de companhias autorizadas a funcionar no Brasil, a distância entre a participação inglesa e a americana foi grandemente reduzida depois de 1905. Enquanto a contribuição dos Estados Unidos tinha aumentado para mais de 664% entre 1904 e 1914, a França e a Alemanha subiram em instalações, 100% e 95%, respectivamente. Entretanto, o número de companhias mantidas por esses países era relativamente pequeno em 1905. O crescimento das companhias inglesas registrou aumento menor, isto é, de 74% (10).

(10). — Nícia Villela Luz apresenta estatísticas mais específicas sobre o período em questão: “Entre 1889 e 1910 para 41 sociedades anônimas brasileiras que se constituíram, foram autorizadas a funcionar no país 160 empresas estrangeiras, assim distribuídas pelos respectivos anos:

	<i>Estrangeiras</i>	<i>Brasileiras</i>
1899	12	4
1900	16	2
1901	15	3
1902	5	7
1903	8	2
1904	7	2
1905	14	2
1906	14	1
1907	23	4
1908	12	4
1909	12	2
1910	22	8
Total	160	41.

“Para o ano de 1907 possuímos maiores detalhes, pelos quais se verifica que as 23 sociedades anônimas estrangeiras autorizadas a funcionar no país, neste ano, distribuíam-se, conforme a nacionalidade, da seguinte maneira:

Americanas	7 com o capital de Libras	16.695,500
Inglêsas	6 com o capital de Libras	1.031,000
Francesas	6 com o capital de Libras	782,000
Belgas	2 com o capital de Libras	1.500,000
Argentina	1 com o capital de Libras	75,000
Uruguia	1 com o capital de Libras	25,000

“Em relação à atividades propostas, assim se discriminavam essas 23 sociedades estrangeiras:

Minas e metalurgia	6
Estradas e outras obras públicas	5
Produtos agrícolas e florestas	5
Fiação e tecelagem	2
Diversas	5.

Cf. *Relatórios do Ministério da Indústria, Viação e Obras Públicas* (Rio de Janeiro, 1900, 1908), 17-18, 12-13, 16-17, 57-58, 26-28, 28-30, 238-244; *Relatório do*

* *
*

Uma análise mais detalhada do comércio brasileiro, antes da Primeira Guerra Mundial, nos dará a indicação da maneira pela qual a Grã-Bretanha e a Alemanha foram capazes de suprir o mercado brasileiro com seus produtos.

Entre os anos de 1904 e 1914 a Grã-Bretanha exportava mais produtos para o Brasil do que qualquer outro país, conseguindo superar ou igualar os Estados Unidos e a França juntos, nos anos de 1912, 1913 e 1914 (11).

A Alemanha ocupou o segundo lugar no valor de produtos exportados para o Brasil durante os anos de 1904 e 1913, e, até 1912, as exportações alemãs superavam a concorrência americana.

A França, normalmente em quarto lugar no valor dos produtos exportados para o Brasil, oferecia, às vezes, relativa concorrência aos interesses dos Estados Unidos, sendo que uma diferença não muito grande separou os dois países durante alguns anos.

As exportações dos quatro países mencionados, para o Brasil, são divididas em três categorias principais: Classe A — matérias-primas destinadas às finalidades industriais e artísticas; Classe B — bens manufaturados; e Classe C — produtos alimentícios e forragem (12).

Os produtos de Classe B, artigos manufaturados, foram responsáveis pela maior parte das importações no Brasil, servindo como testemunha da sua séria falta de industrialização durante a primeira parte do século XX (13). Os produtos de Classe C, a classe menor em va-

Ministerio da Agricultura, Indústria e Commercio (Rio de Janeiro, 1910 e 1911) 206-211, 292-299; para o ano de 1908 os dados foram fornecidos por: 1908. *Retrospecto Comercial do "Jornal do Comércio"* (Rio de Janeiro, 1909), 57-58. Apud, *A Luta Pela Industrialização do Brasil* (1808-1930), Difusão Européia do Livro, junho, 1961, p. 87.

(11). — Vide gráfico No. 1 e Apêndice C.

(12). — O Ministério da Fazenda dividia as importações do país em cinco categorias: Classe I, Animais e seus produtos; Classe II, Matérias-primas destinadas a aplicações na arte e na indústria; Classe III, Artigos manufaturados; Classe IV, Alimentos e forragens; Classe V, Espécie e notas de bancos estrangeiros. Para os fins deste estudo, as Classes I e V foram excluídas, sendo seus valores praticamente sem significação. A fim de evitar confusão, as Classes II, III, e IV foram mudadas para Classes A, B e C, respectivamente. Apêndice A apresenta os valores totais das três classes de importações dos quatro países em estudo.

(13). — "Até 1915 importávamos quase todos os produtos industriais indispensáveis ao consumo interno". "Evolução da Conjuntura no Brasil de 1916 a 1939", *Conjuntura Econômica*, novembro, 1948, p. 25.

lores das importações brasileiras, indicavam que a maior parte do crescimento industrial do Brasil estava neste setor (14).

Nos anos de 1904 a 1914, os valores da Classe B foram maiores do que os das Classes A e C juntos. A Grã-Bretanha era a líder constante dos bens manufaturados, exportados para o Brasil e, com exceção de uma alteração pequena nas posições dos Estados Unidos e França, em 1910, os países que mais exportaram produtos da Classe B seguiam esta ordem: Grã-Bretanha, Alemanha, Estados Unidos e França (15).

O crescimento espetacular da Alemanha na última parte do século XIX e nos primeiros anos do século atual, resultava no fato de que, em 1913, ela praticamente se igualava à Grã-Bretanha em produtos de Classe B exportados para o Brasil. Inclusive, as cifras de 1914 mostram que a Alemanha tinha superado a Grã-Bretanha neste setor. E' bem possível que êste aumento tenha coincidido com uma idéia remota do govêrno alemão de, eventualmente, tentar obter uma parte do Sul do Brasil, para uma futura colônia do Império Alemão (16).

Os produtos manufaturados americanos começaram a indicar sinais de aumento nas exportações para o Brasil, sômente no fim do período em questão. Richard Graham, no seu livro mais recente, *Britain and the Onset of Modernization of Brazil, 1850-1914*, menciona êstes acréscimos dos exportadores alemães e americanos.

"Brazil admitted increasing amounts of manufactured goods from Germany and the United States so that British predominance in Brazilian markets was being undercut... by the rising American and German competition. This was especially true for newer products, such as electrical equipment, which, as it was installed in factories and for urban lighting, tended to come almost exclusively from these two countries" (17).

(14). — "Enquanto a grande propriedade continuou e continua indefinidamente a dedicar-se às grandes e extensivas culturas tropicais de que não pode senão excepcionalmente se livrar, a pequena tomou a seu cargo a maior parte do abastecimento alimentar da população brasileira". Prado, *op. cit.*, p. 259.

Num estudo da industrialização do Brasil, Dorival Teixeira Vieira, apresentou as seguintes porcentagens a respeito das áreas da produção brasileira, em 1907: produtos alimentícios — 26,7%; textéis, 20,6%; roupas e artigos domésticos — 15,9%; produtos químicos e seus derivados — 9,4%. Smith, T. Lynn; Marchant, Alexander, *Brazil, Portrait of Half a Continent*, The Dryden Press, New York, 1951, Chapter 11, "The Industrialization of Brazil", p. 249.

(14). — Vide Apêndice A.

(16). — Vide "German Political Designs with Reference to Brazil", C. E. Chapman, *The Hispanic American Historical Review*, Volume 2, november, 1919.

(17). — Graham, *op. cit.*, p. 300-301.

A maior parte das importações brasileiras para o período de 1904-1905 figurava na forma de bens manufaturados, com 47,02% e 47,16%, respectivamente, das importações totais nestes dois anos (18). As estatísticas para as importações brasileiras durante o biênio 1907-1908 revelam que 28,8% dos bens manufaturados vieram da Grã-Bretanha, seguindo-se Alemanha, os Estados Unidos e a França com, respectivamente, 17,1%, 12,1% e 9,0% (19).

O Ministério da Fazenda registrou, para o período 1908-1909, os seguintes artigos manufaturados, como sendo os mais valiosos das importações: maquinaria e ferramentas; aço e ferro; e produtos de algodão (20).

Os produtos manufaturados continuavam compondo a maior parte das importações do Brasil durante os anos de 1908-1912, sendo que

(18). — Ministério da Fazenda, Serviço da Estatística Commercial, *Importação e Exportação, Movimento Marítimo Cambial e do Café da República dos Estados Unidos do Brasil, 1904-1905*, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1907, p. vii.

(19). — Ministério da Fazenda, Estatística Commercial, *Importação e Exportação, Movimento Marítimo, Cambial e do Café da República dos Estados Unidos do Brasil em 1908*, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1909, p. vii e viii.

(20). — Artigos manufaturados de aço e ferro representavam 20,83% de tôdas as importações de Classe B em 1908, permanecendo praticamente a mesma porcentagem, em 1909. Êstes artigos foram muito necessários para o Brasil neste período, tanto é, que êles representaram 10,96% e 10,78% do total das importações no período de 1908-1909. Ministério da Agricultura, Indústria e Commercio, Diretoria Geral da Estatística, *Anuario Estatístico do Brasil, 1908-1912*, Volume II, *Economia e Finanças*, Rio de Janeiro, Typographia de Estatística, 1917, p. xxxviii.

Maquinaria e ferramentas chegaram a representar 17,49% das importações manufaturadas do Brasil nos anos de 1908-1909; êstes produtos representaram 9,44% das importações totais do Brasil, em 1908, e 9,5%, em 1909. *Ibid.*, p. xxxviii.

Artigos de algodão também registraram porcentagens altas no período de 1904-1914: dentro da Classe B, 14,97% e 13,04% para os anos de 1908 e 1909; como porcentagens do total das importações, 7,78% e 6,94% para os mesmos anos.

Outros produtos manufaturados de importância no período de 1904 a 1914 incluíram artigos feitos de sêda e lã; peles e couros; cobre; pedras, terra, e outras matérias semelhantes; substâncias para a manufatura de perfumaria; produtos químicos drogas, e produtos farmacêuticos; veiculos; louça, porcelana, vidros, e cristais; papel e seus produtos derivados; instrumentos musicais; brinquedos; armas e munição; navios a vapor e à vela.

as cifras oficiais davam uma média de 54,8% (21). A Grã-Bretanha encabeçava a lista dos países em exportações totais para o período de cinco anos, com 27,5%, seguindo-se a Alemanha com 16,22%. As participações francesa e americana registravam 9,28% e 13,49%, nesta ordem (22).

As importações das Classes A e C, durante os anos de 1904 a 1914, foram consideravelmente menores em valores, do que as da Classe B. Durante êsses anos, a Grã-Bretanha superou os outros países em exportações da Classe A. Os Estados Unidos ocuparam o segundo lugar em 1910, sendo deslocados pela Alemanha em 1913. O carvão foi a importação mais valiosa neste setor, com a Grã-Bretanha, a Ale-

(21). — *Ibidem*, p. xxxii. Para o mesmo período, as porcentagens para as Classes A e C foram 19,0% e 25,5%, respectivamente.

The Commerce Yearbook registra as exportações americanas para a América do Sul, nos períodos de 1905 a 1909 e 1910 a 1914, da seguinte forma:

(unidade: milhões de dólares)		
	1905-1909	1910-1914
matérias-primas	1	3
semi-manufaturas	12	22
manufaturas acabadas	53	83
alimentos	9	13
Total	74	121

Department of Commerce, *Commerce Yearbook*, 1929, Volume I, United States Government Printing Office, Washington, 1929, p. 127. As matérias-primas e semi-manufaturas podem ser classificadas como sendo produtos da Classe A. A participação brasileira nestas importações sul-americanas foi cerca de 31%. Vide Normano, *The Struggle for Latin America*, *op. cit.*, p. 30.

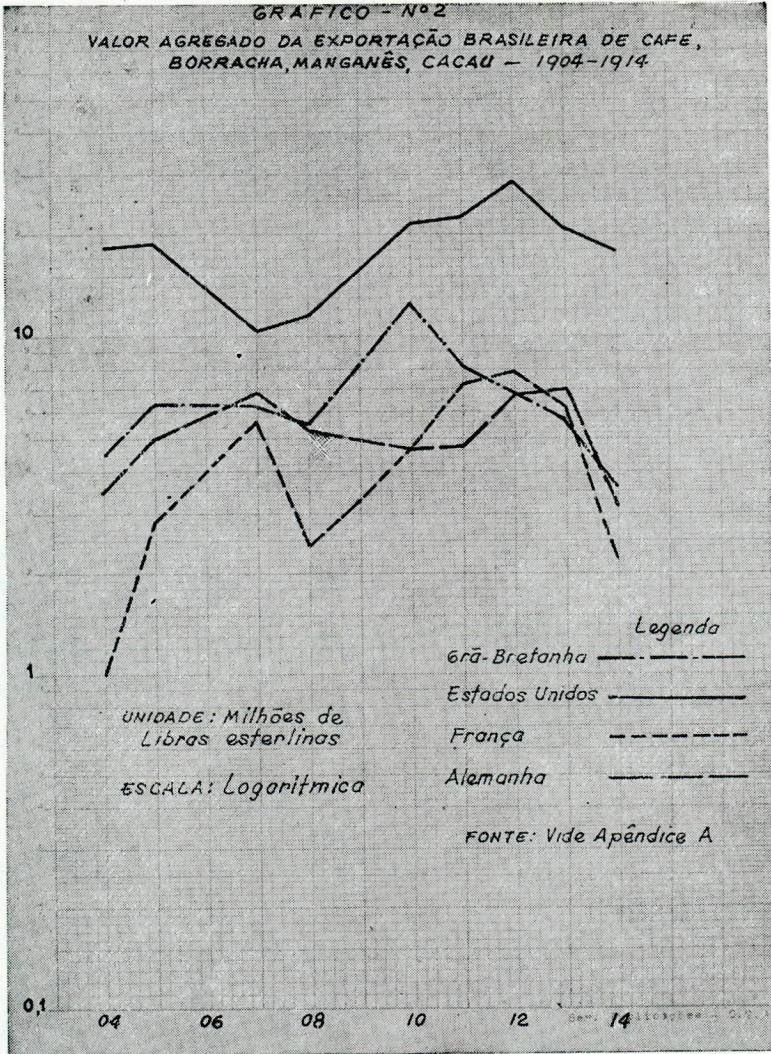
Estatísticas para os anos 1910-1912, com referência às três importações mais importantes da Classe B, foram as seguintes:

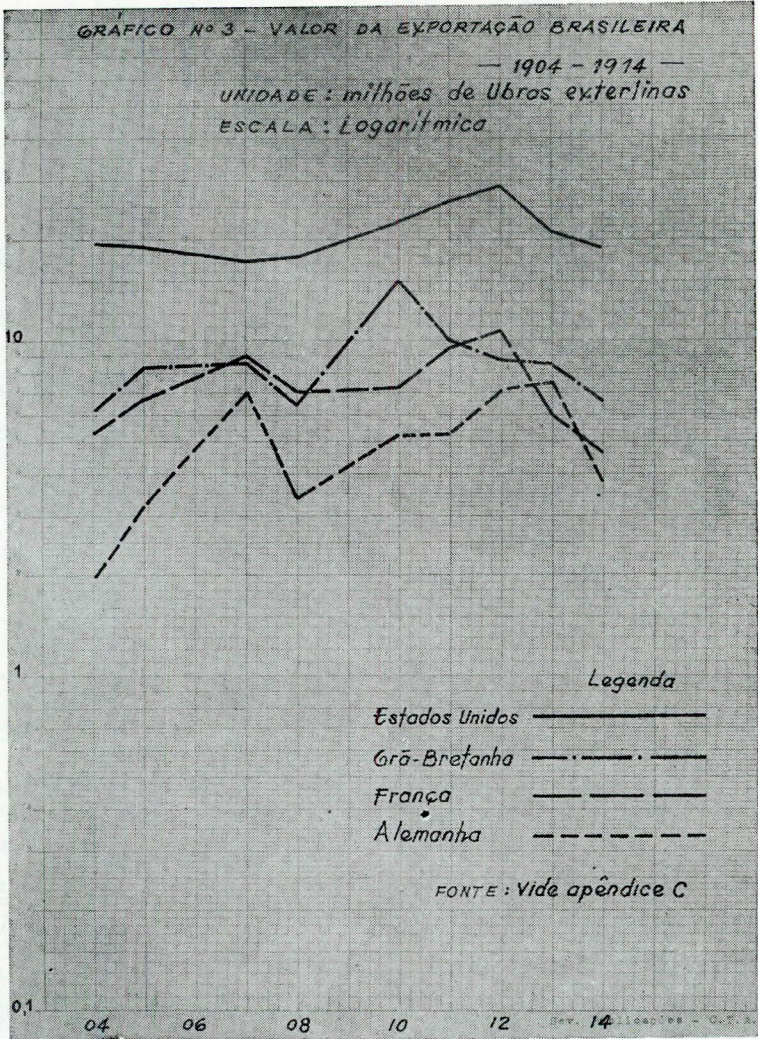
Artigos de Aço e Ferro		Maquinaria e Ferramentas	
Porcentagem da Classe B	Porcentagem das importações totais	Porcentagem da Classe B	Porcentagem das importações totais
18,74	10,30	1910	16,40
18,30	10,26	1911	19,18
19,09	10,69	1912	20,09
			9,01
			10,75
			11,26

Artigos de algodão	
Porcentagem da Classe B	Porcentagem das importações totais
16,87	1910
17,24	1911
12,19	1912
	9,28
	9,66
	6,83

Annuario Estatístico do Brasil, 1908-1912, *op. cit.*, p. xxxviii.

(22). — *Ibidem*, p. xxxiv.





manha e a França, fornecendo a maior parte desse produto para o Brasil (23).

Devido à crescente capacidade do Brasil em produzir seus próprios alimentos e forragens, as importações da Classe C representaram a menor parte das importações de antes da 1a. Grande Guerra. Os Estados Unidos e a França, países com uma grande produção agrícola, superaram, facilmente, a Grã-Bretanha e a Alemanha em produtos deste tipo exportados para o Brasil. Com exceção do ano de 1905, as exportações americanas da Classe C foram maiores do que as da França, sendo os valores americanos para o ano de 1914, quatro vezes maiores do que os franceses. Este fenômeno era, mais provavelmente, devido ao fato de que os países europeus já estavam se preparando para a próxima guerra. Trigo em suas várias formas, dos Estados Unidos e vinho da França, compunham a maior parte dos produtos principais da Classe C importados neste período (24).

(23). — As importações de “pedras, terra e outro material semelhante” eram compostas, na sua maior parte, de carvão. As porcentagens destas importações foram as seguintes:

Porcentagem da Classe A		Porcentagem das importações totais
42,83	1908	8,18
40,58	1909	7,35
41,81	1910	7,74
41,68	1911	8,04
45,37	1912	9,07

Ibidem, p. xxxviii. Outras matérias-primas valiosas importadas pelo Brasil incluíram algodão; aço e ferro; lã; substâncias para a manufatura de perfumaria; tinta, plantas, e outros materiais relacionados; peles e couros; ouro, prata, e platina; extratos vegetais; madeiras.

(24). — Farinha de trigo.

Porcentagem da Classe C	Porcentagem das importações totais		Trigo	
			Porcentagem da Classe C	Porcentagem das importações totais
18,82	5,23	1908	18,96	5,26
18,47	5,16	1909	19,45	5,43
16,59	4,29	1910	19,48	5,03
15,59	3,78	1911	18,75	4,54
16,30	3,81	1912	19,49	4,56

Porcentagem da Classe C		Vinho	
		Porcentagem das importações totais	
16,30	1908	4,53	
16,51	1909	4,61	
17,03	1910	4,40	
19,32	1911	4,68	
18,68	1912	4,37	

* *
*

Estudos do comércio brasileiro demonstram que, em geral, oito produtos principais representaram a maior parte de suas exportações no período anterior à 1ª. Grande Guerra: café, borracha, cacau, manganês, couro, peles, tabaco e mate. Apenas os quatro primeiros apresentam dados constantes com relação aos países em estudo. Porém, os valores destes quatro produtos em conjunto exportados para os quatro países em questão, representavam a maior parte do total da exportação brasileira (25). Borracha e café representavam 85% da exportação brasileira, em 1913 (26), sendo a média dos dois produtos, 80% para os anos de 1911 a 1914 (27).

Ibidem, p. xxxix. Os principais alimentos que o Brasil importava neste período incluíam arroz, batata, manteiga, banha, conservas e extratos, frutas e vegetais secos; frutas; presunto, bacon; bebidas alcoólicas; sal.

(25). — Seguindo as estatísticas apresentadas nos Apêndices A e B, os valores de café, borracha, cacau, e manganês juntos, exportados aos quatro países principais, representavam as seguintes porcentagens do valor total das exportações brasileiras nestes anos: 1904 — 71%; 1905 — 71%; 1907 — 54%; — 1908 — 55%; 1910 — 70%; 1911 — 64%; 1913 — 67%; 1914 — 78%.

(26). — Correia (Rivadavia), *A Verdade Sobre a Situação Financeira do Brasil em 1914*, Rio de Janeiro, 1919, p. 15.

(27). — Smith (Marchant), *op. cit.*, p. 26. Os dados foram fornecidos por Reynold E. Carlson, Capítulo 12, "Brazil's Role in International Trade".

A Liga das Nações citou a distribuição, em porcentagens, as principais exportações do Brasil para o ano de 1913: café — 62,3%; borracha — 15,0%; peles e couros — 4,6%; algodão cru — 3,5%; cacau — 2,4%; tabaco — 2,5%; açúcar — 0,1%; outros — 9,5%. League of Nations, *Balance of Payments, 1910-1924*, p. 496, *ap.*, Smith; Marchant, p. 269.

O Ministério da Fazenda apresentou os seguintes dados a respeito da borracha e café, para os anos de 1908-1912:

Café			
Porcentagem da Classe		Porcentagem das exportações totais	
56,25	1908	52,18	
56,20	1909	52,25	
43,64	1910	41,04	
63,95	1911	60,42	
65,90	1912	62,37	
Borracha			
28,77	1908	26,69	
31,78	1909	29,70	
42,67	1910	40,13	
23,87	1911	22,15	
22,78	1912	21,56	

Anuario Estatístico do Brasil, 1908-1912, op. cit., p. XXXVII.

Durante o período já mencionado, os Estados Unidos importavam mais produtos do Brasil do que qualquer um dos outros países considerados. Grã-Bretanha e Alemanha importavam uma quantidade quase igual, enquanto que a França ocupava o quarto pôsto nas importações do Brasil (28).

“For many years North Americans had been the principal purchasers of Brazil’s three major exports: coffee, rubber, and cocoa. Since 1865, the United States had taken the single largest share of Brazil’s coffee; and after 1870, with the abolition of import duties on coffee, the United States bought more than half of the Brazilian coffee beans sold abroad. By 1912, New York had become the world’s largest rubber market and nearly 60 per cent of the rubber traded there was Brazilian. Likewise, the United States consumed more Brazilian cocoa than any other country. The result was that in 1912 the United States bought 36 per cent of Brazil’s exports, while the second most importante market, Great Britain, purchased only 15 per cent” (29).

Embora os Estados Unidos superassem os outros países nas importações de produtos brasileiros, era, particularmente, a compra de café, responsável única por êsse fato. Os Estados Unidos, porém, esperavam poder comerciar em bases iguais e, já na segunda metade do século XIX, seu govêrno começava a solicitar que o Brasil oferecesse condições melhores para os produtos americanos.

A influência da Grã-Bretanha e o medo de ficar dependente de um outro país, convenceram as autoridades brasileiras a ignorar os esforços dos Estados Unidos em aumentar o seu comércio com o Brasil (30).

“Before the war, Brazil was one of the world’s major sources of rubber, but the development of plantations in the Middle East has largely displaced the Brazilian product”. *Commerce Yearbook*, 1929, Volume I, *op. cit.*, p. 150. Vide gráfico Nº 2.

(28). — Vide gráfico Nº 3.

Para o período de 1908-1912, o Ministério da Fazenda apresentou as seguintes porcentagens das exportações brasileiras: Estados Unidos — 38,16%; Grã-Bretanha — 16,95%; Alemanha — 14,35%; França — 8,56%. *Anuario Estatístico do Brasil, 1908-1912, op. cit.*, p. xxxiii.

(29). — Burns (E. Bradford), *The Unwritten Alliance, Rio-Branco and Brazilian-American Relations*, Columbia University Press, New York, London, 1966, p. 63.

(30). — Devido às experiências no passado com a Grã-Bretanha e a França, as autoridades brasileiras deram muita importância para um sentimento como o já mencionado. Vide José Honório Rodrigues, *Interêsse Nacional e Política Externa*, Editôra Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1966, p. 96.

“Coffee, rubber, cocoa, crude cotton, nuts, precious stones and metals, medicinal plants, and other products entered (the United States) free of duty. In fact, by 1902, the United States admitted duty-free 94.5 percent of the Brazilian imports and collected an average duty on total Brazilian imports of 4.8 percent. On the other hand, Brazil admitted no imports from the United States duty-free, the average duty amounting to 45 percent” (31).

O advento da éra republicana no Brasil e a intervenção americana no mandato de Floriano Peixoto, ajudaram a aumentar os contactos entre os dois países, que, até o início do século XX, não haviam dado margem a que se acreditasse no que os americanos e brasileiros chamavam de “amizade tradicional” (32).

O *Bulletin of the Pan-American Union*, de 1911, registrou que, em 1902, o Brasil exportava produtos para os Estados Unidos, no valor de US\$ 65.000.000, enquanto os produtos americanos exportados para o Brasil somavam apenas US\$ 14.000.000. E mesmo durante a permanência do Barão do Rio Branco, como Ministro das Relações Exteriores do Brasil, que foi grande apoiador de relações mais estreitas entre os dois países, o padrão do comércio continuava sem grandes alterações, com os Estados Unidos importando produtos brasileiros no valor de US\$ 112.000.000, e o Brasil importando apenas US\$ 30.000.000 (33).

O Brasil, no início do século atual, surgia como um dos mercados mais importantes, na América do Sul, para os países industrializados. E, naturalmente, o interesse da Grã-Bretanha em continuar como principal influente na economia brasileira foi intenso.

Dois fatores importantes ajudam a explicar como os industriais americanos conseguiram aumentar suas explorações para o Brasil durante a primeira década do século XX. Primeiramente, o Barão do Rio Branco fez grandes esforços para estreitar as relações entre os dois países, um fato que José Honório Rodrigues, explica como uma reação parcial ao anti-americanismo da Argentina (34). Em segundo lugar, as ameaças do Congresso Americano, que começaram a chegar aos ouvidos das autoridades brasileiras, de que produtos oriundos dessem país, livres, até então, de tarifas, poderiam começar a ser taxa-

(31). — Burns, *op. cit.*, p. 64.

(32). — *Ibidem*, p. ix. Eduardo Prado também não aceitou a idéia de que o Brasil e os Estados Unidos eram amigos tradicionais. Prado, um monarquista, publicou *A Ilusão Americana* em 1893, mas o livro foi proibido ao público pelas autoridades.

(33). — *Ibidem*, p. 63-64.

(34). — Rodrigues (José Honório), *op. cit.*, p. 103.

dos (35). O governo brasileiro, hesitante em perder um mercado tão lucrativo, autorizava uma tarifa preferencial, em 1906, reduzindo-a em 20%,

"flour, rubber, manufactures, dyes, varnishes, watches, clocks, condensed milk, typewriters, pianos, scales, windmills, inks and ice boxes from the United States" (36).

Com esta mudança da parte do governo brasileiro, o tratamento mais igual de um país para com o outro tornava-se regra geral em vez de uma exceção.

"In 1910, apparently as a grateful response to the free entrance of coffee under the Payne-Aldrich Tariff of 1909, the Brazilian Congress further authorized a 20 percent reduction on cement, dried fruit, furniture for schools, corsets, and desks. In the following year duties on flour were reduced by 30 percent..." (37).

As tarifas brasileiras nos produtos americanos não explicam inteiramente a dificuldade dos Estados Unidos em competir com os exportadores ingleses e alemães. E. Bradford Burns nota que os homens de negócio americanos não estavam realmente equipados para concorrer em termos iguais com os outros países industriais na América do Sul. Burns descreve um americano como

"... amazed at the potential of the Brazilian market as well as at America's failure to take advantage of it, (he) believed that exports of the United States to Brazil could not hope to equal those of Great Britain or Germany as long as the American had no steamship transportation, linguists, agents, agencies, or banks in Brazil" (38).

(35). — Burns (E. Bradford), *op. cit.*, p. 70. *"During his visit and immediately thereafter, (Secretary of State Elihu) Root showed a lively concern for the trade relations between the two nations. In the world's busiest coffee port, Santos, he reminded his audiences that the United States bought most of Brazil's coffee but sold only a small amount of its products to Brazil. He stated the American case frankly and diplomatically: 'I should like to see the trade more even; I should like to see the prosperity of Brazil so increased that the purchasing power turned towards the markets of the North American Republic'".* Root, Elihu, *Speeches Incidents to the Visit of Secretary Root to South America*, Washington, D. C., Government Printing Office, 1906, p. 86, *ap.*, Burns, p. 71.

(36). — *Ibidem*, p. 71.

(37). — *Ibidem*, p. 71.

(38). — *Ibidem*, p. 72-73. *"The United States bought large amounts of Brazilian coffee, rubber, and cocoa, but the transactions were handled through European banks and by European transportation companies. The United States had few facilities to market its products in Brazil despite the limited trade preference which the Brazilian government conceded. The Brazilians favored closer commercial*

Praticamente todo o transporte dos bens entre o Brasil e os Estados Unidos estava nas mãos da Grã-Bretanha e da Alemanha. Em 1911, “*not one steamship and only five sailing ships*” (39) pertencentes aos Estados Unidos entraram em portos brasileiros.

“In 1913 British vessels handled by far the largest part of Brazil’s coffee exports, with over 5.000.000 bags out of a total of 13.000.000. Only 9.000 bags were handled by American companies, even though the bulk of Brazilian coffee went to the United States” (40).

O que pode ser concluído, então, é que nas vésperas da Primeira Guerra Mundial, o comércio entre os Estados Unidos e o Brasil havia se desenvolvido de maneira relativamente agradável para os dois países. Os Estados Unidos compravam mais produtos brasileiros do que qualquer outro país, enquanto que as autoridades brasileiras permitiam condições mais favoráveis para a entrada dos produtos americanos. Ambos os países receberam muitos dos seus produtos, importados em navios estrangeiros, em particular nos navios dos países mais industrializados da época.

Uma diferença importante, porém, entre os Estados Unidos e o Brasil, em 1913, foi que, embora os dois países sofressem dependência econômica, a economia americana apresentou uma possibilidade maior de se tornar independente, enquanto que o Brasil era ainda um país estritamente agrícola e totalmente dependente nas importações industriais. A Primeira Guerra Mundial iria fortificar, ainda mais, os laços políticos e econômicos entre o Brasil e os Estados Unidos.

(*Continua*).

exchange with the United States, but only a handful of American governmental officials and businessmen saw the potential of that South American market. Possibly Ambassador da Gama, in a conversation with Senator Isidor Rayner of Maryland, correctly analyzed the situation when he stated: Without American business houses, without American steamship companies, without American banks, without American enterprises, without American capital entering into competition with the capital of other nations, long established and patiently employed among us, American industry and commerce cannot hope to open markets in Brazil with the intervention of the State Department alone’ Ibidem, p. 74.

(39). — Ibidem, p. 7. “... an official publication of 1916 declares, ‘Exporting has meant little more to them (North Americans) than peddling abroad unsold wares’.” Normano (J. F.), *The Struggle For South America*, op. cit., p. 47.

“... (in) 1911 attention was called in North American literature to the absence in South America of United States’ commerce, especially in comparison with the position of Great Britain and Germany’s gains”. Ibidem, p. 47.

(40). — Graham, op. cit., p. 88.